AS BACANTES

Eurípides

Distribuído por www.oficinadeteatro.com

Personagens

Dioniso
Coro (das Bacantes)
Tirésias
Cadmo
Penteu
Servo
Mensageiro
Outro Mensageiro
Agave

Prólogo

A cena é em Tebas. Ao fundo, a fachada do palácio real. Frente ao palácio, vêem-se algumas ruínas e entre elas o túmulo de Sêmele, rodeado de vides, e donde se escapa por vezes um fio de fumo. Dioniso, revestido com uma pele de gamo e com o tirso na mão, entra em cena. Avança até o túmulo de Sêmele.

Dioniso

À terra de Tebas venho, eu, Dioniso,
de Zeus filho, a quem outrora deu à luz Sêmele,
filha de Cadmo, pela chama do raio assistida.
Alterando para mortal a feição divina,
junto estou à nascente de Dirce e águas de Ismeno;
o túmulo de minha mãe, a fulminada, vejo,
ao palácio vizinho, e as ruínas da sua morada,
do fogo de Zeus uma chama ainda viva exalando,
imperecível cólera de Hera contra minha mãe.
A Cadmo exalto, que em solo inviolável
o túmulo da filha tornou; de pâmpano
eu o cingi, em verdura e cachos abundante.
Da Lídia e da Frígia, os campos ricos em ouro deixei;
da Pérsia, os planaltos batidos de sol;
de Bácia, os muros; em funesta invernia, o país
dos Medos; e a opulenta Arábia percorri
e a Ásia toda, que ao longo do salgado mar
jaz, com Helenos a bárbaros associados,
senhora de copiosas cidades de belas torres;
para esta cidade dos Gregos logo me encaminhei,
depois de ti ali instituídos meus coros
e ritos, para aos mortais como deus me revelar.
De terras helênicas, Tebas é a primeira
a ressoar com os meus gritos, a nébride sobre o corpo,
e à mão entregue o tirso, dardo feito de hera;
pois as irmãs de minha mãe, menos que ninguém,
deviam dizer que Dioniso não nasceu de Zeus,
que Sêmele, seduzida, a falta do leito
de algum mortal imputou a Zeus
- expediente por Cadmo inventado – e que Zeus a matou
porque disso se jactava, já que tais núpcias fantasiara.
Por tal, de delírio as impregnei,
e, loucos os espíritos, do palácio à montanha se foram.
Forcei-as a usar a veste das minhas orgias,
e toda a descendência feminina Cadminiana,
quantas mulheres havia, expulsei das casas;
sentam-se em rochedos desabrigados, sob verdes pinheiros.
Deve a cidade aprender, ainda que não queira,
nos báquicos mistérios não sendo iniciada,
que a Sêmele, minha mãe, defendo, e eu
aos mortais surjo como deus, por ela de Zeus concebido.
Cadmo, idoso já, o poder absoluto

a Penteu, de uma filha gerado, entregou;
este comigo luta e das libações
me repele, e, nas preces, de mim não tem memória.
Por isso, a ele e a todos os Tebanos
Mostrarei que nasci deus. A outra terra,
Depois de tudo em ordem, meus passos dirigirei,
Revelando quem sou. Mas se a cidade de Tebas,
Pela cólera e pelas armas, da montanha as Bacantes
buscar reconduzir, dirigirei as Ménades no combate.
Por tais motivos, em mortal mudados tenho os traços,
a semblante humano passei a minha feição.
Vamos! Vós que o Tmolo, bastião da Lídia, abandonastes,
ó meu tíaso, ó mulheres, que de bárbaros países
comigo trouxe, adeptas e companheiras minhas,
os tamboris, na terra Frígia natos,
erguei, invento de Réia venerável e meu,
e, cercando o palácio real de Penteu,
fazei-os ressoar, para que a cidade de Cadmo veja!
Às escarpas do Citéron, aonde estão me vou,
e, com as Bacantes, dos coros participarei.

(Dioniso sai.)

Párodo

(Entra o coro das Bacantes, envergando peles de gamo, coroadas de hera e de serpentes, agitando os tirsos e os tamboris, tocando flauta e dançando ao som destes instrumentos.)

Coro

Da terra da Ásia
passando o Tmolos sagrado, eu me apresso
por Brómio – doce fadiga,
pena tão sem pena – a Baco
celebrando com gritos de Evoé!
Quem vai aí, quem vai aí? Quem?
Para dentro de casa se afaste, uma fala piedosa
cada um tribute!
Sempre, o que pelo uso está consagrado
a Dioniso cantarei!

Estrofe 1.^a

Oh!
Bem-aventurado, feliz quem
nos divinos mistérios instruído,
seus dias piedosamente dirige
e a alma nobilita
nas montanhas, pelas purificações
sagradas das Bacantes!
De Cibele, a Grande Mãe,
celebrando as orgias,
o tirso agitando freneticamente
e coroando-se de hera,
a Dioniso atende.
Ide, Bacantes! Ide, Bacantes!
A Brómio, deus filho de deus,
a Dioniso fazei descer
das frígias montanhas
para as amplas ruas
da Hélade, a Brómio!

Antiestrofe 1.^a

Foi a ele
que noutra tempo, acometida
das violentas dores do parto
sob o trovão alado de Zeus,
fora do ventre a mãe
lançou, deixando a vida
por ação do raio fulminante.
Logo, para que ele pudesse nascer,
em um abrigo Zeus Crónida o acolheu,
e a sua coxa dissimulou
com fíbulas de ouro a prender,

a ocultas de Hera.
Deu à luz, quando os Destinos
se cumpriram, o deus ornado de chifres
e com uma coroa de serpentes o coroou.
Desde então, com tal despojo
selvagem, as Ménades
seus anelados cabelos cingem.

Estrofe 2.^a

Ó Tebas, de Sémele ama,
engrinalda-te com hera,
faz brotar em abundância o verde
alegra-campo, produtor de belos frutos,
ao delírio báquico consagra-te,
com ramos de carvalho ou de abeto.
E de mosqueadas nébrides revestida,
rodeia-as com brancos cordões de lã
enrançada. Do nártex soberbo um uso pio
faz. O povo todo, sem demora, irá dançar em sua honra,
- quem quer que dirija os tíasos, outro Brómio é -
para a montanha, para a montanha, lá onde está
das mulheres a multidão,
dos teares e lançadeiras apartada
e por Dioniso enlouquecida!

Antiestrofe 2.^a

Ó antro dos Curetas,
e de Creta grutas veneráveis,
que a Zeus viram nascer!
Ali, nas cavernas, os de triplo elmo
esta pele em círculo distendida
para mim inventaram, os Coribantes!
Ao ardor báquico uniram
o harmonioso sopro das frígias
flautas e nas mãos de Réia Mãe
o depuseram, eco aos gritos das Bacantes.
Os Sátiros, desvairados,
da Deusa Mãe o receberam,
e às danças
das festas trienais o associaram,
em que Dioniso se compraz.

Epodo

Está-se bem nas montanhas, depois das corridas dos tíasos,
quando se cai por terra,
envergando a sacra nébride, buscando
o sangue de um bode imolado, a graça da omofagia,
para as frígias e lídias montanhas avançando, ao sinal de Brómio,
Evoé!
Do solo escorre leite, escorre vinho, escorre das abelhas

o néctar!
Tal um vapor de incenso da Síria,
o sacerdote de Baco empunhando
a ardente chama no topo da vara
de pinheiro, incita
à corrida, e às danças
quem anda errante impele,
com seus brados estimula,
os delicados cabelos flutuando ao vento...
Entre gritos de Evoé, ele clama:
Ide, Bacantes!
No esplendor do Tmolos que rola torrentes de ouro,
celebrai a Dioniso
pelo rufar dos tamboris,
glorificando o deus Evoé com Evoés,
em gritos estridentes ao modo frígio,
quando o sacro loto de melodioso tom
fizer ecoar os sacros acordes dos folgedos, em uníssono
c'os espíritos alucinados, para a montanha, para a montanha!
Então, plena de deleite, como a poldra que com a mãe
vai pascer, a Bacante seus pés velozes em saltos agita...

1.º Episódio

(O adivinho Tirésias, envergando uma nébride, vem bater à porta do palácio, donde irá sair Cadmo.)

Tirésias

Quem está à porta? Que vá chamar Cadmo,
o filho de Agenor, aquele que a Sídon
abandonou, para esta cidade de Tebas edificar.
Alguém vá anunciar-lhe que Tirésias
o procura. Ele sabe o que me impele,
o que a minha velhice à sua mais decrépita prometeu:
guarnecer os tirsos, envergar as peles de gamo
e com folhas de hera a cabeça ornar.

(Entra Cadmo, vestido de igual maneira.)

Cadmo

Ó tu, de entre os amigos o mais caro! Pressentindo
a tua sensata voz de homem sensato, lá dentro do palácio,
acorri, a divina veste pronto a trajar;
sendo Dioniso filho de minha filha, urge
exaltá-lo até onde está o nosso alcance.
Onde iremos dançar, onde deter nossos passos
e agitar os encanecidos cabelos? Orienta-me,
Tirésias, um ancião a outro ancião. É que tu és sensato!
Toda a noite e todo o dia, sem esmorecer,
batendo a terra com o tirso, é doce olvidar
a velhice!

Tirésias

Sentes o que eu sinto.
Também rejuvenesci. Aos coros pretendo associar-me.

Cadmo

Iremos em carros para a montanha?

Tirésias

Tanto menor seria a honra do deus.

Cadmo

Servir-te-ei de guia, um velho a outro velho.

Tirésias

Para ali nos conduzirá o deus, sem custo.

Cadmo

De toda a cidade, só nós dançamos por Baco?

Tirésias

Só a nós o bom senso possui, aos outros não.

Cadmo

Tardamos muito. Dá-me a tua mão.

Tirésias

Ei-la, estende e associa a tua.

Cadmo

Mortal que nasci, aos deuses não rejeito.

Tirésias

Não podemos lograr os deuses.
Os costumes ancestrais igualam o tempo
em grandeza; não os aniquilará o raciocínio,
ainda que ínclitos espíritos descubram a sabedoria.
Dirão que da senilidade não sinto pejo,
porque a dançar e de hera a cabeça a cingir, aspiro.
Não determina o deus se é jovem
ou velho aquele que à dança se entrega,
a todos reclama honras iguais,
sem distinções; glorificado anseia ser.

Cadmo

Pois que da claridade não desfrutas, Tirésias,
dos fatos intérprete para ti me volverei.
Rumo ao palácio, açodado, vem Penteu,
filho de Equión, em quem o real poder deleguei.
Que feição alterada! Que trará de novo?

(Penteu, com vestes reais, entra.)

Penteu

Do país tendo estado ausente, eis que chego
e ouço falar dos males recentes que vão pela cidade:
nossas mulheres dos lares se esquivaram
em busca de falsos mistérios, em lúgubres
montanhas vagueiam, a um novo deus,
Dioniso, ou lá quem é, honrando com danças!
No meio dos tíasos elevam-se, a transbordar,
os crateres, umas e outras em ermo recanto
se acolhem, dóceis aos prazeres masculinos:
na aparência, Ménades cumpridoras dos sacrifícios,
na realidade, a Baco preferem Afrodite!
De algumas me assenhoreei, agrilhoadas as mãos;
a essas, meus servos nos cárceres vigiam;
as outras, que estão longe, das montanhas farei sair,
e, prendendo-as em férreas cadeias,
os nocivos mistérios báquicos depressa cercearei.
Contam que se introduziu aqui um estrangeiro,

um mago do país lídio, um feiticeiro,
que seu cabelo de fulvos anéis aromatiza,
e, nos olhos, de Afrodite a graça purpúrea detém!
Dia e noite às jovens se associa,
os ritos de Evoé ofertando...
Se sob este teto o apanhar,
ao bater do tirso obstarei, e ao agitar
dos cabelos, apartando o pescoço do resto do corpo.
O deus Dioniso ele afirma ser,
aquele que na coxa de Zeus outrora foi cosido,
ele, que pelas chamas do raio foi devorado
com a mãe, porque as núpcias divinas fantasiou.
Da abominável força não é isto digno,
insolente pleno de insolência, quem quer que seja o estrangeiro?
Mas que prodígio me é dado contemplar! O adivinho
Tirésias, em mosqueadas nébrides envolto,
e de minha mãe o progenitor - oh! escárnio! -
empunhando o nártes em delírio! Renego, ó pai,
a tua senilidade, privada de entendimento!
E se arremessasses essa hera? E se desejasses
do tirso a mão soltar, ó pai de minha mãe?
Tu o persuadiste, Tirésias! O que visas,
atraindo aos homens essa nova divindade,
é granjear salários, observando as vítimas e o vôo das aves!
Se teus encanecidos cabelos por ti não velassem,
acorrentado, entre as Bacantes te acomodarias,
pois tais ritos celerados quiseste introduzir. Quando às mulheres,
no festim, o fulgurante suco da uva é ofertado,
eu sustento que em tais orgias nada de sensato há!

Coro

Que impiedade! Ó estrangeiro, aos deuses não temes
nem a Cadmo, o que semeou a messe que da terra veio a nascer?
Tu, vergôntea de Equión, o desdouro de tua raça anseias?

Tirésias

Quando de seus discursos um homem sabedor colhe
bons princípios, fala bem e sem pena.
Destra linguagem tens, como se sensato foras,
mas em tuas palavras não há sensatez.
Um homem com audácia e arguto no falar,
porém sem discernimento, funesto cidadão será.
Da divindade nascente, que ora tu escarneces,
não poderei relatar quanta magnitude
na Hélade alcançará! Duas são, ó jovem,
entre os homens as coisas primeiras: a deusa Deméter
- é a terra; por um destes nomes invoco-a, a teu grado -
aos mortais os alimentos secos proporciona.
Vem depois o seu émulo, o filho de Sémele,
que da uva o fluído líquido achou e trouxe

aos mortais; aquieta aos homens míseros
suas penas, quando do suco da vinha estão saciados,
o sono e o olvido dos males cotidianos
lhes concede; para as dores outro lenitivo não há.
Ele, que nasceu deus, aos deuses em libação se entrega
e, graças a ele, dos homens o bem é pertença.
Dele zombas, porque a Zeus foi cosido
na coxa? Pois demonstrarei que está certo.
Depois que da chama do raio o arrebatou,
Zeus conduziu ao Olimpo o deus-menino.
Da abóbada celeste, Hera pretendeu arremessá-lo;
então Zeus, como deus que é, contra ela estas coisas urdiu:
do éter que envolve a terra, uma parte
ele rompeu, e entregou-o, fazendo dele um penhor,

.....
do ciúme de Hera, Dioniso. Mais tarde,
os homens afirmaram que na coxa de Zeus ele foi cosido,
tendo alterado a palavra - que o deus à deusa
Hera como penhor outrora servira - uma lenda forjaram.
Vate é ainda o deus. O êxtase báquico
e o delírio têm grande poder profético.
Quando o deus penetra bem no corpo,
aos alucinados o porvir permite anunciar.
Dos atributos de Ares tem também uma parte;
em armas e em ordem de combate, um exército
ele dispersou, pelo terror, antes de as lanças se tocarem.
Tal é o delírio que de Dioniso nos vem.
Ainda o hás de ver sobre os Déléficos penhascos,
pulando, com a tocha de pinheiro, no planalto de dois cumes
pondo em vibração e brandindo a vara e Baco,
e engrandecer-se na Hélade! Vamos, Penteu, escuta-me!
não te ufanes de ter um poder absoluto entre os homens,
não creias, quando enferma se encontra tua mente,
não creias pensar bem. Acolhe o deus nesta terra,
consagra-lhe libações, anima-te do delírio e coroa a tua cabeça!
A serem castas não constrangerá Dioniso
as mulheres, no culto de Cípris, mas em sua própria natureza
deve-se buscar essa virtude. Pois nos festejos de Baco,
corrupta não se tornará a que for casta.
Vê como te apraz. quando às tuas portas se comprime
o povo, e de Penteu o nome a cidade aclama!
A ele também, penso, apraz ser glorificado.
Eu e Cadmo, ainda que tu dele zombes,
de hera engrinaldadas a dançar iremos -
um par encanecido, e dançando todavia.
Não me persuadirás por tuas palavras a combater os deuses,
Das loucuras a mais cruel te tomou, nas drogas
alívio não acharás, mas não é sem drogas que enfermo te encontras.

Coro

Ó ancião, a Febo em palavras não ultrajas,
e honrando a Brómio, o grande deus, és sensato!

Cadmo

Ó filho, bons são os conselhos de Tirésias,
junto de nós permanece, além das tradições não avances!
Agora desvarias e, em teu senso, sensatez não há.
Ainda que não seja deus, como tu crês,
declara-o; mentindo com elegância, afirma
que ele existe, para que Sémele passe por ter dado à luz um deus,
e a toda a nossa raça honra admirá.
Recorda a desventura sinistra de Actéon:
os feros cães que criara, esses mesmos
o dilaceraram, nas planícies, porque de superar
na caça a Ártemis ele se vangloriava...
Teme-te disto! Vem cá, para que te cinja a cabeça
com hera. Em nossa companhia, aos deus rende homenagem.

Penteu

Afasta a mão, e vai-te aos báquicos mistérios te entregar!
Acaso teu desvario pretendes propagar até mim?
De teus absurdos o mestre, a esse com penas
hei de punir! Que alguém se dirija já
para o sítio, de onde as aves ele observa,
com as varas e o tridente, às avessas tudo voltaí,
as coisas todas removei, de alto a baixo,
e aos ventos e procelas suas coroas desamparai...
Vós outros a cidade percorrei, no encaço
desse efeminado estrangeiro, que dissemina o flagelo
recente entre as mulheres e nossos lares lacera.
E logo que o agarreis, trazei-o agrilhado
ante mim, para que do suplício da lapidação
ele pereça, após ver o amargo fim dos seus ritos em Tebas.

Tirésias

Desgraçado, tu não sabes o que dizes!
Antes, tinhas a mente turbada, agora possui-te o furor.
Vamos, ó Cadmo, e façamos preces
por este homem, embora sendo cruel,
e pela nossa cidade ao deus, para que ele nada faça
de estranho. Segue-me, e a vara engrinaldada de hera traz,
o meu corpo vê se sustentas; o mesmo farei quanto ao teu.
Vergonhoso seria que nós, dois anciãos, caíssemos. Vamos!
A Baco, filho de Zeus, temos de servir.
Que Penteu de penas portado não seja a este lar
que é o teu, Cadmo! Pela mântica não falo,
mas pelos fatos - insensato que sem senso fala!

(Tirésias e Cadmo saem.)

1.º Estásimo

Coro

Estrofe 1.a.

Piedade, dos deuses soberana,
Piedade, que sobre a terra
as áureas asas alongas,
de Penteu as palavras apreendes?
Apreendes a sacrílega
insolência contra Brómio, filho
de Sémele, ele, dos alegres festins
de formosas coroas, o senhor,
ele, dos bem-aventurados o primeiro? É da sua tarefa
os tíasos conduzir,
ao som da flauta rir
e nossos cuidados apaziguar,
quando o suco da uva
no sacro banquete reluz,
e em festins de hera cingidos
somo entre os homens o crater
derrama...

Antiestrofe 1.a.

Das palavras sem freio
e da ímpia loucura,
desventura é o termo!
Uma bem repousada
existência e um bom senso
firme mantêm
e conservam nosso lar. Do longínquo
éter habitantes embora,
as ações dos mortais os Celícolas observam.
Sabedoria não é sensatez,
nem o é raciocinar acima de mortal.
Curta é a vida; se para lá da medida
alguém busca a grandeza,
os bens presentes não sustentará.
De loucos são tais hábitos,
e de insensatos,
a meu ver.

Estrofe 2.a

Quem me dera ir para Chipre,
de Afrodite a ilha,
lá onde reinam, do coração dos mortais
sedução, os Amores!
Ou a Pafos, a quem as correntes
de cem embocaduras do bárbaro rio,
em lugar das chuvas, fertilizam!

Ou ao mais aprazível sítio,
a Piéria, das Musas morada,
do Olimpo sacra vertente!
Conduz-me para lá, ó Brómio, Brómio,
o deus Evoé, das Bacanais o arauto!
Lá estão as Graças!
Lá está o Desejo! Lá, às Bacantes
as orgias é dado celebrar!

Antiestrofe 2.^a

O deus, filho de Zeus,
com os festins se regozija,
ele ama da felicidade a doadora,
a Paz, deusa da juventude.
Por igual, ao rico
e ao pobre ele oferta
o vinho delicioso, das penas olvido.
Repudia quem tal não apreciar:
dia e noite a ventura
e a vida desfrutar,
no bom senso o coração e o espírito manter,
à margem dos imoderados.
O que a multidão
ignara aceitou e pratica,
quero-o também!

2.º Episódio

(Os servos de Penteu trazem Dioniso acorrentado. Um deles fala.)

Servo

Penteu, ei-nos trazendo capturada a presa
pela qual nos enviaste; não foi em vão que marchamos.
A fera que aqui está foi-nos dócil e não pretendeu
evadir-se, antes de seu grado as mãos ofertou,
e sem empalidecer, sem alterar a face cor de vinho,
sorrindo, a acorrentá-lo e a trazê-lo nos incitou,
enquanto aguardava, tornando-me fácil a tarefa.
Eu, confuso, disse-lhe: "Estrangeiro, não é por mim
que te arrasto, mas por Penteu, que tal me ordenou."
Quanto às Bacantes, que tomaste e encerraste
nos públicos cárceres, em grilhetas algemadas,
libertas se foram através dos campos,
saltando e o divino Brómio invocando,
dos pés por si se soltaram as cadeias,
das portas sem mão mortal os ferrolhos se afrouxaram.
Veio este homem, para Tebas tornar
plena de maravilhas. Quanto ao resto, é a ti que pertence atender.

Penteu

Despredei-o! Em minhas redes caído,
por veloz que seja, não me escapará.
Não sem beleza teu corpo é, ó estrangeiro,
pelo menos para as mulheres; por isso em Tebas surgiste;
teus longos e anelados cabelos, não peleja,
mas paixão denunciam, pela face dispersos...
A nívea pele que tens, não é por falta de cuidados -
dos raios do sol resguardada, não da sombra.
Com tal perfeição a Afrodites cativas...
Qual a tua origem, primeiro me dirás.

Dioniso

Fátuo não sou; simples é de expor.
Já ouviste falar do Tmolos fecundo em flores?

Penteu

Sim, como um círculo, a cidade de Sardes envolve.

Dioniso

De lá venho, a Lídia é a minha pátria.

Penteu

Donde são os mistérios que à Hélade trazes?

Dioniso

Dioniso nos iniciou, o filho de Zeus.

Penteu

Um Zeus tendes por lá, de novos deuses criador?

Dioniso

Não: apenas aquele que a Sémele nestes lugares se uniu.

Penteu

Deu-te ordens de noite ou à tua vista?

Dioniso

Nos olhos o olhei, e os ritos me entregou.

Penteu

Dessas orgias por ti obtidas, qual a natureza?

Dioniso

Aos não iniciados vedadas estão as coisas secretas.

Penteu

Daqueles que os acolhem, qual o proveito?

Dioniso

Não é justo que o saibas, mas profícuo é conhecê-los.

Penteu

De astúcia usas, para eu mais querer escutar.

Dioniso

Os sacros mistérios rejeitam a piedade.

Penteu

Viste claramente visto o deus, como era ele?

Dioniso

A seu grado, não fui eu quem o determinou.

Penteu

Outra destra evasiva, para não falares.

Dioniso

Ao ignorante, o que fala com senso parece não pensar bem.

Penteu

Para aqui trouxeste primeiro o teu deus?

Dioniso

Todos, de entre os bárbaros, celebram os mistérios.

Penteu

É que eles são menos sensatos que os Helenos!

Dioniso

Nisto, são-no bem mais, ainda que os costumes divirjam.

Penteu

É de noite ou de dia que os ritos se praticam?

Dioniso

De noite sobretudo; mais sacras são as sombras.

Penteu

Dolo temerário para as mulheres é!

Dioniso

Atos indecorosos traz também o dia.

Penteu

Com pena serás punido, por teus perversos sofismas!

Dioniso

E tu, por irreverência e impiedade para com o deus!

Penteu

Ó insolente Bacante, em discutir tão versado!

Dioniso

Que irei sofrer, diz? Que dano me farás?

Penteu

Teus delicados caracóis primeiro cortarei...

Dioniso

Sacros cabelos, para o deus os criei!

Penteu

Depois, o tirsó que na mão seguras entregarás.

Dioniso

Vem arrebatá-lo! De Dioniso é atributo!

Penteu

No recôndito dos cárceres, teu corpo custodiado será.

Penteu

O próprio deus me libertará, quando eu desejar.

Penteu

Quando entre as Bacantes o invocares...

Dioniso

Está perto agora e quanto padeço ele vê.

Penteu

Onde? À minha vista não é visível...

Dioniso

Onde eu estou. Mas, ímpio que és, não te apercebes.

Penteu

Prendei-o! Este homem a mim e a Tebas ultraja!

Dioniso

Não me acorrentem! Sensato, a um insensato falo!

Penteu

Acorrentar-te irei; mais poderoso que tu eu sou.

Dioniso

Desconheces o que seja a tua vida, o que fazes e quem és!

Penteu

Sou Penteu, filho de Agave e vergôntea de Equión!

Dioniso

À desdita propício é teu nome!

Penteu

Vai-te! Aprisionai-o aqui perto, nas estrebarias dos cavalos, para que, além das negras trevas, nada veja! Lá podes bailar... Quanto às tuas sectárias, cúmplices dos teus erros, ou as venderei, ou de suas mãos o fragor e o vibrar do couro apartando, minhas servas ao tear farei.

Dioniso

Estou pronto a ir, pois o que não tem de ser, não devo sofrê-lo. De tais opróbrios o repressor, Dioniso te punirá, aquele que afirmas não existir. Iníquo para nós, a ele vais acorrentar.

(Saem Dioniso, acompanhado pelos servos, e Penteu.)

2.º Estásimo

Coro

Estrofe

.....
Ó filha de Aqueloo,
Dirce divina, ninfa formosa,
noutro tempo, em tua nascente,
ao rebento de Zeus acolheste,
quando, para sua coxa, da chama
imortal, Zeus pai o arrebatou,
estas palavras bradando:
“Anda, Ditirambo, para o meu seio
viril podes entrar! Como Baco,
eu te proclamo para os Tebanos,
para que assim sejas denominado!”
E tu, bem-aventurada Dirce,
repudias-me, a mim, que para as tuas margens
conduzo os tirsos coroados!
Por que me repeles? Por que te esquivas?
Pelo pâmpano em cachos abundante,
Pela dádiva de Dioniso, eu te juro,
que em Brómio terás ainda de atentar.

Antiestrofe

Quanta, quanta cólera
exala da terra
o filho, a vergôntea do dragão,
Penteu, aquele que Equíon
o Ctónio procriou!
Monstro de fero olhar, não
humana criatura, tal sanguinário
gigante, rival dos deuses,
em suas redes, a mim,
servo de Brómio, vai colher!
Já no âmago do palácio,
o guia dos tíasos ele tem
em obscuros cárceres oculto!
Isto vês, ó filho de Zeus,
Dioniso, os teus profetas
em luta com a fatalidade!
Desce, brandindo o áureo
tirso, do alto do Olimpo,
reprime a insolência do insano sanguinário.

A Nisa, berço das feras,
ó dos tirsos portador,
ó Dioniso, conduzes os tíasos,
ou aos cumes Coricianos?

Em arvoredos profusos, talvez
aos remansos do Olimpo, onde
outrora Orfeu tocando cítara,
com seus cantos as árvores atraiu,
atraiu as feras bravias...
Piéria bem-aventurada,
Évio te venera, ele virá
teus coros dirigir junto às Bacantes;
o Áxio de céleres correntes,
com as desenfreadas Ménades
dançarinas transporá,
e os Lídias, progenitor
da prosperidade, e aos mortais
da ventura doador, esse, dizem,
que o país dos formosos corcéis com águas
aprazíveis fecunda.

3.º Episódio

(Ouvem-se os clamores de Dioniso no interior do palácio.)

Dioniso

lô!

Escutai-me, escutai a minha voz,
lô, Bacantes, lô, Bacantes!

Coro

- Quem é? Quem é? Donde vem o apelo
de Évio, que me reclama?

Dioniso

lô! lô! Clamo de novo,
eu, o filho de Sémele e de Zeus!

Coro

- lô! lô! Senhor! Senhor!
Vem a nós, ao nosso
Tíaso, ó Brómio, Brómio!

Dioniso

Énosis divina, abala o sono desta terra!

Coro

- Ah! Ah!
Já de Penteu a mansão
se desmantela e desaba!
Dioniso está no palácio!
Venerai-o! – Venerado é!
- A pétrea arquitrave viste, sobre as colunas
deslocar-se? É Brómio
que brada sob esse teto!

Dioniso

A chama fulgurante do raio ateia,
E o palácio de Penteu incendeia, incendeia!

Coro

Ah! Ah!
O fogo não vês, não podes discernir,
à roda do sacro túmulo de Sémele? É
a chama da trovoada, que ela outrora deixou,
quando do raio ferida.
Ao solo os trêmulos corpos arremessai,
Ó Ménades, arremessai! O Senhor
Assalta e revolve o palácio,
O filho de Zeus!

(As Ménades prosternam-se e Dioniso sai do palácio.)

Dioniso

Ó mulheres bárbaras, que pânico imenso vos tomou,
para que estejais prostradas por terra? Ao que parece, sentíeis que
Baco

abalava o palácio de Penteu. Vamos! Erguei
vosso corpo e repeli de vossa carne o pavor, tende confiança!

Coro

Ó luz suprema, que de Evoé o delírio nos concedes,
com teu encontro rejubilo, sozinha em minha solidão!

Dioniso

Apoderou-se de vós o desalento, quando fui remetido
por Penteu às sombrias masmorras, para aí ser arremessado?

Coro

Como evitá-lo? Quem seria o meu guardião, se a má sorte te atingisse?
Como pudeste libertar-te desse ímpio?

Dioniso

Por mim só me soltei, sem esforço e sem pena.

Coro

Ele não te ligou e agrilhoou as mãos?

Dioniso

Aí o iludi, porque, crendo acorrentar-me,
nem me tocou nem atou, embora acalentasse a esperança.
Achando um touro na estrebaria onde me aprisionaram,
quis algemar-lhe os joelhos e os cascos com grilhetas,
resfolegando de furor, com o suor a cair-lhe em gotas do corpo,
mordendo os lábios com os dentes; eu permanecia perto
e, sentado, observava. Nesta altura exata,
Baco surgiu, o palácio abalou e no túmulo materno
acendeu uma chama. Ao avistá-la, julgou que o palácio se consumia.
Pula daqui, pula dali, ordenou aos servos que lhe trouxessem
o Aqueloo; ao trabalho se lançaram, esforço vão!
Pensando que me evadira, a tal obra pôs termo
e precipitou-se, arrebatando a negra espada de dentro do palácio...
Brómio, então, ao que julgo – digo o que me pareceu –
pousou um fantasma no palácio; arrojando-se
contra o luzente pedaço de éter trespassa-o, supondo degolar-me...
Além destas, outras afrontas lhe destinou Baco:
o palácio todo sacudiu, e arruinou-o de cima a baixo.
Caro lhe custará o ter-me acorrentado. Com a fadiga
afrouxou, o gládio repudiando. Mortal que é, contra um deus
ousou empreender peleja! Saindo eu silencioso
do palácio, vim ante vós, sem curar de Penteu.

Se bem me parece – ressoa o seu tacão de dentro do palácio –
na soleira vai já surgir. Depois destas coisas, que dirá?
Por grande que seja a sua ira, com calma a enfrentarei.
Ao homem sensato cabe cultivar uma disposição equilibrada.

(Penteu sai do palácio.)

Penteu

Acossou-me a desgraça! Escapou-me o estrangeiro
que com grilhetas subjugara havia pouco!
Ah! Ah!
Ei-lo aqui! Que é isto? Como te evadiste
e apareces no limiar da minha morada?

Dioniso

Detém-te! Deves frear um pouco teu furor!

Penteu

Como lograste fugir, às cadeias escapando?

Dioniso

Não te disse – ou não ouviste – que alguém me libertaria?

Penteu

Quem? Novas histórias sempre trazes...

Dioniso

Aquele que para os mortais cria o pâmpano em cachos abundante.

Penteu

.....

Dioniso

Em tal censura está a glória de Dioniso!

Penteu

As portas todas, em redor, ordeno que encerrem!

Dioniso

Para quê? Os muros aos deuses podem deter?

Penteu

Esperto, esperto és, não naquilo que devias.

Dioniso

Antes no que é preciso, mais esperto eu sou.
Presta primeiro atenção às palavras
daquele que da montanha traz novas para ti.
Fico ao teu lado; não fugirei.

(Entra o boieiro.)

Mensageiro

Ó Penteu, senhor da Terra de Tebas,
do Citéron eu venho, lá onde nunca
da neve caída a brancura deslustra!

Penteu

As veneráveis Bacantes eu vi, essas que, da cidade,
partiram como setas, os seus níveos pés num frenesi.
A ti e ao país, Senhor, eu venho anunciar
os prodígios que praticam, aos milagres superando.
Anseio por saber, se com sinceridade
devo relatar tudo, ou moderar minhas palavras.
O arrebatamento do teu espírito temo, Senhor,
Os acessos da tua cólera e tua régia índole.

Penteu

Fala! Totalmente impune ante mim estarás.
Aos que cumprem o seu dever, a ira não alcança.
Quanto mais estranho o que disseres das Bacantes,
tanto mais, sobre aquele que suas artes insinuou
entre as mulheres, a justiça se abaterá.

Mensageiro

A manada de bois trepara havia pouco
às alturas, para o pastoreio, quando o sol
seus raios dardeja, a terra aquecendo...
Três tíasos vejo então, três coros de mulheres,
um, dominado por Autónoe; o segundo,
por Agave, tua mãe; o terceiro era o coro de Ino.
Todas dormiam, com os corpos reclinados,
umas com as costas apoiadas à ramagem de um abeto,
outras em folhas de carvalho... No solo, a cabeça
ao acaso e castamente pousada, não como tu dizes
- embriagadas pelo vinho e pelo som do loto
e buscando, isoladas, o amor no bosque.
Elevando-se entre as Bacantes, tua mãe lançou
O brado ritual, ao sono os corpos furtando,
logo que dos bois corníferos o mugido escutou.
O sono profundo das pálpebras apartando, todas
se ergueram; sua compostura era maravilha de ver
- jovens, velhas e virgens do jugo ignorantes ainda!
Sobre os ombros, os cabelos deixaram cair primeiro,
as nébrides levantaram depois, das quais os cordões,
lassos, pendiam soltos; as peles mosqueadas
cingiram com serpentes que lambiam as faces delas...
Em seus braços seguravam corças e crias de lobo,
seu níveo leite às feras ofertando,
jovens mães, de seio túmido ainda,

que os filhos abandonaram. Enfeitam-se com coroas
de hera, folhas de carvalho e flores de alegre-campo...
Uma, tomando o tirso, contra uma rocha bateu;
de água límpida, uma torrente dali jorrou...
Outra, com o nártex escavou da terra o solo,
e o deus uma nascente de vinho fez brotar...
Aquelas que sentiam ânsia da branca bebida,
com as pontas dos dedos a terra esgaravataram,
abundante leite recolhendo. Dos tirsos,
ornados de hera, um fluxo de doce mel gotejava...
Ah! Se lá estiveras, ao deus que ultrajas
havia de dirigir preces, depois de veres tais prodígios!
Boieiros e pastores nos reunimos,
discutindo uns e outros nosso parecer
sobre os prodígios praticados, tão dignos de admiração.
Um, mais conhecedor da cidade e dos discursos,
a todos falou: “Ó vós que os sacros planaltos
das montanhas habitais, quereis dar caça
a Agave, mão de Penteu? Se dos báquicos coros
a reconduzirmos, grato será ao Senhor.” Pareceu-nos
dizer bem. Na folhagem das moitas, bem ocultos
nos escondemos. Elas, a uma hora certa,
o tíaso à báquica corrida impeliram;
de uma só voz, ao filho de Zeus, a laco,
a Brómio, elas invocaram. A montanha toda delirava
e as feras; na corrida, nada fica imóvel...
Ao meu alcance passou Agave saltando;
Pretendendo agarrá-la, de um pulo,
a moita deixei, onde oculto me encontrava.
Ela clamou: “Ó céleres pernas minhas,
por homens somos acossadas! Acorram,
acoram, com vossas mãos armadas de tirso!”
Pela fuga nós nos furtamos
ao dilacerar das Bacantes, porém, sobre os nossos bois
que pasciam erva, se abatem, com mão sem ferro.
A uma vimos, uma vaca de fecundos úberes
que mugia, em suas mãos ambas tomar;
outras, a dilacerar vitelas se dispuseram...
Terias visto costelas e cascos fendidos,
arremessados em todas as direções,
suspensos dos abetos, a gotejar sangue...
Touros enfurecidos e de hastes em riste,
logo a seguir por terra jaziam, os corpos
abatidos por milhares de mãos femininas...
A carne que os revestia mais depressa despedaçaram,
que tu sobre a real pupila a pálpebra descerias...
Tal as aves que voam, em corrida se precipitaram
para as planícies que se estendem ao longo das correntes do Asopo
e que aos Tebanos a espiga de belas bagas fazem brotar.
Sobre Hísias e Étrias, que da montanha do Citéron

a falda habitam, caíram como horda hostil,
devastando tudo e de cima a baixo as coisas
revolvendo. Arrebataram as crianças das casas.
Quanto nas espáduas pousaram, sem vínculos
a prender, nada no negro solo tombou,
nem o bronze nem o ferro. A seus anelados cabelos
o fogo enlaçou, sem os queimar. Saqueados pelas Bacantes,
os camponeses precipitaram-se, coléricos, para as armas.
Prodígio espantoso se viu então, Senhor!
O ferro dos dardos não as fazia sangrar...
Elas, projetando os tirsos das mãos,
feriam e punham em debandada os homens,
embora sendo mulheres, mas validas de algum deus!
Ao lugar donde haviam partido, seus passos as levaram de novo
às nascentes que o deus para elas alimentara;
o sangue banharam e, gota a gota, a pele
de suas faces as serpentes lamberam com a língua...
A este deus, quem quer que seja, ó Senhor,
em tua cidade acolhe! É notável em tudo,
e dizem que ele, assim eu o escutei,
o pâmpano que alivia as penas doou aos mortais.
Não havendo vinho, não havia amor,
não restava deleite algum para os homens.

Coro

Palavras livres eu temo dizer
ao tirano; todavia, eu as proferirei:
Dioniso não nasceu inferior a nenhum deus!

Penteu

Eis que já perto de nós ateia, como uma fogueira,
a afronta das Bacantes, que ante os Helenos nos ultraja!
Não devemos perder tempo. Corre até à Porta Electra,
apela para todos os portadores de escudos,
para todos os cavaleiros de velozes corcéis,
quantos manejem o escudo e vibrem com a mão
a corda dos arcos... Vamos combater contra as Bacantes!
Nada há mais nocivo que suportar
que nos subjuguem as mulheres!

Dioniso

Não queres crer, nem escutar as minhas palavras,
ó Penteu! Não obstante os tratos que da tua parte sofri,
digo-te que não é lícito levantar armas contra um deus,
mas se deve permanecer em paz. Brómio não permitirá
que expulse as Bacantes dos montes onde evoé ecoou!

Penteu

Não pregues mais! Das cadeias não escapaste?
Aproveita-o. Pretendes que te puna de novo?

Dioniso

Oferendas lhe faria, em lugar de violência
e rebeldia contra o seu aguilhão... Um mortal contra um deus!

Penteu

Oferenda justa lhe farei: sangue feminino
dos flancos do Citéron escorrendo profuso...

Dioniso

Fugireis todos! Vergonhoso é que os escudos
brônzeos sejam desbaratados pelos tirsos das Bacantes...

Penteu

Nas garras do estrangeiro não acho saída,
Que me obedeça, quer atue por si, não se cala!

Dioniso

Meu senhor, harmonizar as coisas podemos ainda...

Penteu

Que fazer? Hei-de ser servo dos meus servos?

Dioniso

Até aqui, sem armas, as mulheres trarei.

Penteu

Ai! Que um dolo maquinas contra mim!

Dioniso

Qual, se anseio salvar-te com as minhas artes?

Penteu

Algum pacto fizestes, para celebrardes sempre Baco.

Dioniso

Sim, fizemos um pacto, está certo – mas com o deus!

Penteu

Minhas armas trouxe aqui, e tu, às tuas palavras põe termo.

Dioniso

Olha lá!
Gostarias de vê-las acampadas nas montanhas?

Penteu

Muito! Muito peso em ouro eu daria até!

Dioniso

Por que te toma essa ânsia imensa?

Penteu

Ficarei angustiado, se as vir embriagadas.

Dioniso

Doloroso te é, e de teu grado queres ver?

Penteu

Digo-te que sim: em silêncio e pelos abetos dissimulado.

Dioniso

Ela encontrarão o teu rasto, mesmo que te ocultes bem...

Penteu

Falas com acerto: às claras, não!

Dioniso

Teu guia serei. Para a jornada estás pronto?

Penteu

Leva-me o mais célere que possas. Aborrece-me a tua demora.

Dioniso

Envolve o teu corpo com um peplos de linho.

Penteu

O quê? Homem que sou, a mulher passarei?

Dioniso

Temo que te matem, se lá virem que és homem.

Penteu

Falas bem; já há muito te mostraste esperto...

Dioniso

Estas coisas Dioniso me inspirou.

Penteu

Como executar o que tão bem me aconselhas?

Dioniso

Vamos ao palácio; eu vou vestir-te.

Penteu

Vestir o quê? Um traje feminino? O pudor me detém.

Dioniso

Já não tens desejo de espiar as Ménades?

Penteu

Queres descrever-me o traje que hei de envergar?

Dioniso

Comprida cabeleira em tua cabeça colocarei.

Penteu

Qual a segunda peça do meu disfarce?

Dioniso

Um peplos até os pés; na frente, uma mitra.

Penteu

Além dessas, que outra coisa me vais por?

Dioniso

Um tirso na mão e uma pele de gamo mosqueada.

Penteu

Não serei capaz de vestir uma roupa de mulher.

Dioniso

Sangue correrá, se às Bacantes provocares.

Penteu

É justo; vamos observar primeiro.

Dioniso

É mais sensato que granjear males com o mal.

Penteu

Como atravessas a cidade, sem os Cadmianos saberem?

Dioniso

Por ermos caminhos iremos. Eu te conduzirei.

Penteu

Prefiro isso, a que as Bacantes zombem de mim.
Entremos no palácio... e decidirei o que parecer melhor.

Dioniso

Seja! Estou pronto a preparar-te tudo.

Penteu

Vou-me: ou marcharei, tomando as armas,
ou os teus conselhos acatarei...

(Penteu entra no palácio.)

Dioniso

Mulheres, caído na rede está o homem.
Vai alcançar as Bacantes, mas será punido com a morte.
Dioniso, a ti compete agir; não longe te encontras.
O castigo não tarda! Penetre primeiro seu espírito
um impetuoso delírio... Se conservar o bom senso,
não quererá envergar uma veste de mulher;
se desaparecer o bom senso, envergá-la-á.
Ao escárnio dos Tebanos pretendo expô-lo,
conduzindo-o pela cidade, disfarçado de mulher,
ele, de ameaças tão pródigo outrora!
Tenho de ir ajustar a Penteu a veste, com que há de
alcançar o Hades, às mãos da mãe
estrangulado. Reconhecerá o filho de Zeus,
Dioniso, que se mostra, no fim, o mais temível
dos deuses, ele, o mais clemente para os humanos!

(Dioniso entra no palácio.)

3.º Estásimo

Coro

Estrofe

Nas danças que duram toda a noite
irei enfim pousar meus alvos pés,
tomada de delírio, o colo
arremessando ao éter orvalhado...
Tal a corça na erva tenra
do prado, brincando com delícia
depois que se furtou da funesta
caça e da vigia, saltando
as bem entrançadas redes...
Mas com seus brados o caçador
à corrida os cães incita:
com esforço e corridas em turbilhão,
pula na planície
ao longo do rio, desfrutando
os lugares ermos de homens os rebentos
da floresta de folhagem umbrosa...
Que será a sabedoria? Haverá dádiva
mais honrosa dos deuses para os mortais
que segurar com mão vitoriosa
a cabeça dos inimigos?
O que é honroso, deleitoso é sempre!

Antiestrofe

Com mansidão se move, mas é
infallível, dos deuses
o poder. Ele castiga, dentre os mortais,
aqueles que prestam culto à iniquidade,
e aos deuses não veneram,
com seus espírito perverso.
Ele oculta, com astúcia,
a lenta marcha do tempo
ao ímpio, e acoisa-o. Nada
que ultrapasse as tradições
se deve conhecer e exercer.
Custoso não é reconhecer
a força da divindade,
quem quer que ela seja,
e que o que se aceita ao longo do tempo
é verdade eterna que na natureza se funda.
Quer será a sabedoria? Haverá dádiva
mais honrosa aos deuses para os mortais
que segurar com mão vitoriosa
a cabeça dos inimigos?
O que é honroso, deleitoso é sempre!
Venturoso aquele que às procelas

do pélogo escapa e o porto alcança!
Venturoso aquele que suas penas
subjuga! Por vários métodos, uns aos outros
em dita e poder superam.
Múltiplos os homens, múltiplas
as esperanças suas, umas
em dita se acabam
para os mortais, outras se esfumam...
Quem da ventura do dia a dia desfruta,
eu tenho por feliz!

4.º Episódio

(Dioniso sai do palácio e volta-se para trás, para chamar Penteu.)

Dioniso

Tu, que de ver o que não deves tão desejoso estás,
e o que é vedado te é solicitas, a ti falo, ó Penteu,
sai do palácio e oferece-te a meus olhos,
envergando uma veste de mulher, de Ménade, de Bacante,
tu, o espia de tua mãe e suas sectárias...

(Entra Penteu, vestido de Bacante e com o tirso na mão.)

Uma das filhas de Cadmo nas feições me pareces

Penteu

Eu estou em crer que vejo dois sóis...
E vejo Tebas, a cidade das sete portas, a dobrar...
A ti, que me conduzes, um touro eu te creio,
e na tua cabeça despontaram chifres...
Já eras dantes uma fera! Em touro te tornastes!

Dioniso

O deus, antes tão benigno, escolta-nos
como aliado. Agora vê o que não deves.

Penteu

A quem me assemelho? O semblante do Ino
tenho, ou o de Agave, minha mãe?

Dioniso

Vendo-te, a elas creio ver.
Mas olha que deslocaste do sítio um anel de cabelo,
que já não está como eu há pouco em tua mitra ajustara.

Penteu

Foi lá dentro, que ao agitá-lo e movê-lo,
do sítio o desviei, quando do delírio tomado.

Dioniso

A mim, como teu aio, me compete
compô-lo de novo. Endireita a cabeça!

Penteu

Ei-la, compõe-me! Em tuas mãos estou!

Dioniso

Tua cintura está solta, e ainda as pregas
do teu peplos se alongam em desordem nos tornozelos...

Penteu

Esse é também o meu parecer, quando ao pé direito.
Daqui, o peplos alcança o meu tácio.

Dioniso

Vais considerar-me os mais caros dos teus amigos,
quando vires as Bacantes castas, e não como dizias.

Penteu

Pegarei no tirso com a mão direita
ou com esta, para parecer mais uma Bacante?

Dioniso

Com a direita, e ao mesmo tempo levanta
o pé direito. A mudança de tua mente bendigo!

Penteu

Não poderia levar as encostas do Citéron,
junto com as Bacantes, em meus ombros?

Dioniso

Podias, se desejassemos. Dantes, a mente
sã não tinhas, agora está como deve ser.

Penteu

Tomo uma alavanca? Ou ergo-o por minhas mãos
metendo o ombro ou o braço sob o seu cume?

Dioniso

Não derrubes os templos das Ninfas,
e a morada de Pã, onde a flauta ressoa...

Penteu

Falas bem: não devemos vencer pela força
as mulheres. Nos abetos ocultarei o meu corpo.

Dioniso

Esconde-te no esconderijo, onde deve esconder-me
um espia astuto que as Ménades vem ver...

Penteu

Olha! Como as aves nas moitas, até já creio
contemplá-las, às blandícias do amor cativas...

Dioniso

Por isso mesmo és mandado vigiar.
Tomá-las podes, se tomado não fores primeiro...

Penteu

Leva-me através da terra tebana.

Sou o único homem que, entre todos, ousa tal!

Dioniso

Só tu a penar pela cidade, só tu!
Por isso te aguardam pelepas dignas de ti.
Segue-me! Teu guia salvador eu sou.
Outrem há de trazer-te de lá...

Penteu

A que me deu à luz...

Dioniso

De todos contemplado...

Penteu

Para tal vou.

Dioniso

Transportado virás...

Penteu

Afagado dizes que serei.

Dioniso

Nas mãos de tua mãe...

Penteu

Amimar-me pretendes.

Dioniso

E que mimos!...

Penteu

Alcançarei o que mereço.

(Penteu dirige-se para a saída.)

Dioniso

Desgraçado dos desgraçados, destino mais desgraçado buscas,
tu encontrarás a glória que se ergue até nos céus!
Estendei as mãos, Agave e vós, filhas de Cadmo,
do mesmo sangue oriundas! Este jovem que aqui está eu conduzo
ao grande combate! Vencedor eu serei
e Brómio... Os fatos dirão o resto.

(Sai Dioniso.)

4.º Estásimo

Coro

Estrofe

Correi, céleres mastins da Loucura, à montanha correi,
lá onde as filhas de Cadmo o tíaso detêm!
A elas provocai
contra aquele que, em túnica de mulher encoberto,
enlouquecido, as Ménades vai espiar!
A mãe será a primeira a vê-lo, do alto do rochedo polido
ou de uma árvore
espreitando, e pelas Ménades bradará:
“Quem é este, que às Cadmianas
que correm pelos montes acossa, e à montanha à montanha veio,
veio, ó Bacantes? Quem o deu à luz?
Não foi do sangue
de mulher gerado, mas de alguma leoa
ou da estirpe das Górgonas Líbias!”
Venha a justiça resplandecente, venho do gládio portadora
e fira de morte a garganta
do ímpio sem deus, sem leis, sem justiça, vergôntea
de Equión, pela terra gerado!

Antiestrofe

Àquele que, com falsos juízos e cólera criminosa,
contra as orgias tuas, ó Baco, e de tua mãe,
de coração embravecido
e de louca audácia tomado, se apresta,
como se o invencível pudesse vencer pela força,
a esse, a morte é que vem equilibrar o espírito,
nas coisas divinas inexorável.
Comportarmo-nos como mortais, livra-nos de desgostos.
A sabedoria ao sábio deixo:
buscá-la me apraz; contudo, há outros bens preciosos
e manifestos. Possa a minha vida caminhar para a beleza,
e, de dia e de noite,
na pureza e na piedade, rejeitando as práticas
contrárias à justiça, dignificar os deuses!
Venha a justiça resplandecente, venha do gládio portadora
e fira de morte a garganta
do ímpio sem deus, sem leis, sem justiça, vergôntea
de Equión, pela terra gerado!

Epodo

Mostra-te como touro, ou um dragão de múltiplas cabeças
ou um leão ardente como a chama!
Vamos, ó Baco, ao caçador de Bacantes,
com rosto sorridente, acolhe nas redes
de morte àquele que há de ser surpreendido
no bando das Ménades!

os ps passos e as vozes conservando
sufocados, para ver sem sermos vistos.
Era uma garganta rochosa, sulcada de regatos,
e de pinheiros sombreada, onde as Ménades
acampadas, em aprazíveis tarefas se ocupava:
uma, a seus tirsos já desguarnecidos,
com tufos de hera de novo coroavam...
Outras, como poldras que o lavrado jugo largara,
de Baco o cantar entoavam à porfia...
O desventurado Penteu, como não via o bando das mulheres,
clamou, "Ó estrangeiro, do sítio onde estou,
os meus olhos às Ménades corruptas não alcançam;
se trepar desta escarpa para um aberto altaneiro,
as torpezas das Ménades discernirei com precisão.
À partir de então, vi este prodígio do estrangeiro:
agarrando um ramo de abeto que nos ares se erguia,
baixa-o, baixa-o, baixa-o até o solo escuro...
E dobrava-se como um arco ou como uma roda recurva,
que arrasta o seu curso enquanto se traça com o compasso a sua volta.
Assim o estrangeiro, segurando nas mãos o tronco alpestre,
por terra o vergava, realizando um feito que não era de um mortal.
Tendo instalado Penteu na ramagem do abeto,
deixou que o ramo de entre suas mãos se soltasse
suavemente, cuidando para que ele não caísse,
e, muito direito, ao éter direito se elevasse,
com o meu senhor montado lá no cimo.
Mas a si se mostrava que às Ménades observava.
Logo que o viram instalado no alto,
já de nossos olhos o estrangeiro se apartara
e do éter uma voz, que parecia ser
de Dioniso, clamava: "Ó jovens,
trago aquele que de vós, de mim e de minhas orgias
escarnece. Castigá-lo podeis, pois!"
Enquanto tais palavras proferia, entre a terra e o céu,
o brilho de uma luz terrível se acendeu.
Silenciou o éter, silenciou do vale frondoso
a folhagem, das feras o brado mais não se ouviu...
Elas, não apreendendo logo o apelo com seus ouvidos,
ergueram-se, muito direitas, e a vista volveram...
De novo ele as chamou. Reconhecendo
de Baco o claro mando, as filhas de Cadmo,
ágeis não menos que pombas, precipitaram-se,
correndo com os pés em louca correria,
Agave, a mãe, e as irmãs, do mesmo sangue oriundas,
e as Bacantes todas... Do vale a torrente
e as ravinas transpuseram, tomadas de sopro divino.
Avistando o meu senhor montado no abeto,
de início treparam num rochedo como uma torre,
e arremessavam-lhe pedras com violência;
depois, com ramos de abeto o atacaram.

Outras atiraram os tirsos aos ares,
contra Penteu, desventurado alvo, mas não o atingiram.
Lá no alto, fora do alcance da cólera delas,
estava o desgraçado, preso sem evasão.
Por fim, quebrando com fragor ramos de carvalho,
arrancaram as raízes com aquelas alavancas sem ferro...
Mas o trabalho não obedecia aos seus anseios,
e Agave bradou: “Vamos, fazei um círculo,
agarrai o tronco, ó Ménades, para que a fera
trepadora capturemos, não vá revelar do deus
as danças secretas!” Milhares de mãos
no abeto se abateram e ao solo o arrancaram...
Do alto, lá bem do alto tombou, derrubado
no solo, milhares de gemidos soltando,
Penteu. O fim próximo ele compreendia.
A mãe, sacerdotiza primeira, ao homicídio preludia
e sobre ele se lança. Dos cabelos a mitra
ele arredou, para que o reconhecesse e não matasse
a infortunada Agave; e falou, a face dela
acariciando: “Mãe, sou eu, o teu filho
Penteu, que na mansão de Equíon deste à luz;
apieda-te de mim, ó mãe, e, não obstante meus erros,
um filho teu não queiras imolar!”
Expelindo espuma e as revoltas pupilas
agitando, sem raciocinar como devia,
por Baco dominada, sem o escutou...
Pegou no braço esquerdo pela mão,
ao flanco do infeliz apoiou o pé com a sua energia,
e a espádua lhe desarticulou, não apenas com a sua força,
mas com a destreza que em suas mãos o deus incutira.
No outro flanco, estas mesmas coisas Ino fazia,
dilacerando as carnes, e Autónoe com o bando todo
das Bacantes acudia. Tudo era um confuso clamor,
ele, gemendo o que o alento lhe consentia,
elas, ululando. Uma levava um braço,
outra um pé ainda calçado. Desguarnecidos estavam
os flancos pelos dilaceramentos. Com as ensanguentadas
mãos, em jeito de bola, as carnes de Penteu arremessavam.
O corpo mutilado jazia aqui e ali, partes em agrestes
rochedos, parte na folhagem do bosque frondoso.
Não seria fácil de achar. Tomando a cabeça
do desventurado entre as suas mãos, a mãe a segurou
e, cravando-a no cimo do tirso, como se da montanha
um leão fora, passeia-a pelo Citéron,
deixando as irmãs nos coros das Ménades.
De sua presa funesta se orgulha e avança
para as nossas muralhas, a Baco invocando,
o seu camarada, o seu companheiro de caça,
o que lhe deu a vitória – a quem traz um troféu umedecido de pranto.
Em louca correiria, a tal calamidade

me vou escapando, antes que Agave sua morada alcance.
Praticar a moderação, e ser reverente aos deuses
é a coisa melhor, e creio ainda que é o mais sensato dos bens para uso
dos mortais.

(Sai o Mensageiro.)

5.º Estásimo

Coro

Dancemos por Baco,
celebrems a desgraça
de Penteu, vergôntea do dragão,
que envergando uma veste de mulher,
o nártext, do Hades penhor,
e o tirso tomou,
tendo como arauto de sua desventura o touro!
Bacantes cadmianas,
vosso canto triunfal e glorioso se acabará
em lamentos, em prantos!
Belo combate, onde com a mão gotejando sangue,
o corpo do filho se estreita!

Êxodo

Coro

Mas em direção ao palácio eu vejo correr
a mãe de Penteu, Agave, com olhar turvo.
O cortejo do deus Évio acolhamos!

(Entra Agave em delírio, com a cabeça de Penteu nos braços.)

Agave

Ó Bacantes da Ásia!

Estrofe

Coro

Oh! Por que me excitas?

Agave

Da montanha trazemos,
para esta mansão, hera recém-cortada,
caça abençoada!

Coro

Eu vejo, e neste carro te acolho!

Agave

Sem redes a apanhei,
a esta jovem cria de um leão selvagem!
Podeis vê-lo!

Coro

Em que ermo lugar?

Agave

O Citéron...

Coro

O Citéron?

Agave

Viu-o morrer.

Coro

Quem o feriu?

Agave

A honra primeira me cabe.
Nos tíasos apelidam-me de Agave, a bem-aventurada.

Coro
Quem mais?

Coro
De Cadmo...

Coro
De Cadmo o quê?

Agave
As filhas,
- mas só a seguir a mim – a seguir a mim,
é que a fera tocaram. Que caça tão ditosa!

Coro

.....

.....

Agave

Antiestrofe

Participa do meu festim!

Coro
O quê? Eu, participar, desgraçada?

Agave
É um bezerro ainda jovem,
e um pelo bem delicado floresce, abundante,
na sua cabeça!

Coro
Com uma fera selvagem no pelo se parece...

Agave
Baco, hábil caçador,
habilmente incitou à caça desta fera
as Ménades.

Coro
Grande caçador é o nosso soberano!

Agave
não queres louvar-me?

Coro
Eu te louvo!

Agave
Daqui a pouco os Cadmianos...

Coro

E Penteu, de ti nascido...

Agave

Sua mãe louvará
por esta presa de leão haver tomado.

Coro

Presa desmedida!

Agave

De forma desmedida granjeada!

Coro

Regozijas-te?

Agave

Rejubilo
nestes grandiosos, grandes feitos
e esplêndidas proezas desta caça.

Coro

Patenteia agora, ó infortunada, tua presa triunfal
aos cidadãos, esse despojo que vens trazendo!

Agave

Ó vós que habitais a cidade de belas torres,
no país tebano, vinde apreciar esta presa,
a fera que nós, as filhas de Cadmo, abatemos,
não com dardos tessálicos presos por correias,
não com redes, mas com as lâminas alvas
de nossas brancas mãos... Depois disto, será lícito enaltecer-se
o caçador que compra ao fabricante armas supérfluas?
Nós mesmas com as nossas mãos o agarramos,
elas nos bastaram para o desmembrar.
Onde está o meu velho pai? Que venha aqui.
Penteu, o meu filho, onde está? Uma escada ele encoste
às muralhas e os bem assentes degraus suba,
para nos triglifos cravar a cabeça
deste leão, o troféu por mim caçado.

(Entra Cadmo, seguido pelos escravos, que trazem numa padiola os restos mortais de Penteu.)

Cadmo

Segui-me, ó vós que tão doloroso fardo transportais,
o de Penteu; segui-me, servos meus, ao palácio fronteiro.
O seu corpo, depois de mil buscas estafar,
aqui o trago; nos declives do Citéron foi achado
em pedaços, nenhum deles em igual sítio

recolhido, na floresta imperscrutável jazendo...
Anunciaram-me o delito das minhas filhas,
quando já da cidade os muros alcançava
com o velho Tirésias, depois de deixar as Bacantes.
De novo a caminho da montanha, de lá trago
o corpo do meu filho massacrado pelas Ménades.
Ali, de Aristeu a esposa de Actéon a mãe,
a Autónoe, eu vi, e também a Ino,
que ainda sob o aguilhão sinistro erravam pela floresta...
Disseram-me que para aqui, em corrida báquica,
Agave se encaminhava. Palavras vãs não escutei,
ante a mim a tenho, ó terrífica visão!

Agave

Ó pai, vangloriar-te podes, com legítima vaidade,
de as mais ousadas filhas ter engendrado
de entre os mortais! Falo de todas, mas de mim em especial,
que, das lançadeiras do tear me apartando,
a mais aspirei, e capturei feras com as minhas mãos.
Nos braços trago, como vês, as primícias
desta coragem, para que nos muros do teu palácio
seja suspenso. Ó pai, acolhe-o em tuas mãos!
Deves ufanar-te da minha caça!
Convoca os amigos para um festim! Ditoso, bem ditoso
és, por tais proezas praticarmos!

Cadmo

Ó dor sem freio, tão dolorosa de ver,
sangue derramado por mãos míseras, eis a tua proeza!
Bela é a vítima que aos deuses acaba de imolar,
e para cujo festim aos Tebanos e a mim convidas!
Teus males choro primeiro, os meus depois.
É que o deus, com justiça talvez, mas com força excessiva
nos feriu – Brómio, o Senhor, vergôntea de nossa raça!

Agave

Ah! Como os homens são mal humorados na velhice,
e de aspecto carrancudo! Que o meu filho
bom caçador venha a ser, o exemplo da mãe seguindo,
para, com a juventude tebana,
as feras acossar! Mas combater os deuses é só
o que ele sabe. Ó pai, cumpre-te
adverti-lo! E se alguém o convocasse
ante meus olhos, para que veja a minha ventura?

Cadmo

Ai! Ai! Quando tomares consciência do que fizeste,
uma dor atroz te consumirá! Se até o fim
deves permanecer sempre no estado em que te encontras,
que afortunada não és, mas infelizmente também não, hão de pensar.

Agave

Que há nisto de odioso ou de lúgubre?

Cadmo

Primeiro, levanta os teus olhos ao éter.

Agave

Estou a olhar. Por que tal ordenas?

Cadmo

Parece-te igual, ou sofreu alteração?

Agave

Está mais resplandecente e transparente que antes.

Cadmo

O deslumbramento opera anda na tua alma?

Agave

não compreendo ainda as tuas palavras... Mas recuperei a razão, operou-se uma mudança no meu espírito!

Cadmo

Queres ouvir-me e responder claramente?

Agave

Sim; até já esqueci o que disses antes, ó pai.

Cadmo

A que mansão te levou o himeneu?

Agave

A Equión me deste, o que dizem nascido dos dentes do dragão.

Cadmo

Ao teu esposo, que filho em sua mansão nasceu?

Agave

De nosso amor comum Penteu é o fruto.

Cadmo

E agora de quem é a cabeça que nos teus braços sustém?

Agave

De um leão; assim diziam as minhas companheiras de caça.

Cadmo

Olha agora bem; pequeno esforço te custará.

Agave

Que contemplo? O que trago nas minhas mãos?

Cadmo

Observa-a e reconhece-a melhor.

Agave

Eu vejo, ó desventurada, uma dor desmedida!

Cadmo

Ainda te parece que se assemelha a um leão?

Agave

não, a cabeça de Penteu eu seguro, ó desventurada!

Cadmo

Carpida foi, ante de a reconheceres.

Agave

Quem o matou? Como chegou às minhas mãos?

Cadmo

Ó desgraçada verdade, em momento errado te recompões!

Agave

Fala! O meu coração treme pelo que se segue.

Cadmo

Foste tu que o mataste, tu e as tuas irmãs.

Agave

Onde morreu? No palácio? Em outro lugar?

Cadmo

Onde outrora os cães a Actéon despedaçaram.

Agave

Por que foi ele ao Citéron, o desgraçado?

Cadmo

la ultrajar o deus, e as tuas Bacanais.

Agave

E nós como é que alcançamos tais paragens?

Cadmo

O delírio báquico vos tomou, a vós e à cidade toda.

Agave

Dioniso nos perdeu; agora compreendo.

Cadmo

Sentia-se ultrajado, por não acreditares que era um deus.

Agave

Onde está o corpo amado de meu filho, ó pai?

Cadmo

Com grande canseira o procurei e trouxe.

Agave

Todos os membros estão decentemente reunidos?
.....

Agave

Na minha demência, que parte coube a Penteu?

Cadmo

A vós se igualou, no seu desprezo ao deus.
Por tal, a todos nós em desgraça comum ele envolveu,
para vos destruir a vós, a ele, à minha casa,
e a mim, que fico privado de um filho varão,
deste fruto das tuas entranhas, ó infelizmente,
que eu vejo morto por afrontosa e execrável morte!
Ó tu, em quem a casa tinha os olhos postos – apoio único, ó filho,
de minha casa eras, tu, que da minha filha descendias!
À cidade inspiravas temor, e ao ancião
não ousavam insultar, quando miravam
a tua frente – com justo castigo os punirias!
Desta mansão, sem honra vou ser exilado,
eu, o grande Cadmo, que a raça dos Tebanos,
a mais famosa seara, semeei e ceifei.
Ó tu, de entre os homens o mais caro – embora já não existas,
entre os mais caros me são te contarei, ó filho –
já não virás mais acariciar o meu queixo com a tua mão,
nem me estreitarás, chamando-me o pai de tua mãe, ó filho,
e dizendo: “Quem te ofende, quem te despreza, ó ancião?
Quem te aflige e perturba o coração?
Diz, para eu punir quem te maltrata, ó pai!”
Um desgraçado agora sou, e um desventurado és tu também,
infelizmente a tua mãe e as suas irmãs desventuradas!
Se existe alguém que aos deuses despreze,
esta morte considere e nos mortais creia.

Coro

Tua dor eu sinto, ó Cadmo! Sofreu castigo
justo, o filho da tua filha, mas que penar o teu!

Agave

Vês como a minha vida se alterou, ó pai?

.....
.....
(Dioniso aparece ex machina.)

Dioniso

.....
.....

Mudando de forma, a dragão passarás, e a tua esposa em animal se tornará, tomando a forma de serpente, a filha de Ares, Harmonia, que tu, sendo mortal, desposaste. Diz um oráculo de Zeus que um carro de bois com a tua esposa conduzirás, e, dirigindo os bárbaros, arrasará inúmeras cidades com um exército numeroso. Mas, quando o oráculo de Lóxias saquearem, um mísero regresso terão. A ti, porém, Ares te salvará, bem como a Harmonia; à terra dos Bem-aventurados tua vida levará para sempre... Eu, que tais coisas anuncio, de pai mortal não nasci, mas de Zeus: sou Dioniso. Se bom senso tivésseis, o que não quisestes, da aliança e da felicidade do filho de Zeus desfrutaríeis.

Cadmo

Amerceia-te de nós, que te injuríamos, ó Dioniso!

Dioniso

Tarde o reconheceste; não soubestes fazê-lo.

Cadmo

Comprendemos, mas tu fere-nos com dureza.

Dioniso

Deus que nasci, de vós me vieram ultrajes.

Cadmo

não devem os deuses, no rancor, aos mortais igualar-se.

Dioniso

Há muito que Zeus, o meu pai, fixou os acontecimentos.

Agave

Ai! Ai! Ó ancião, decretado está o penoso exílio!

Dioniso

Por que tardais, se a necessidade o ordena?

Cadmo

Ó filha, a que desgraça atroz chegamos, todos nós, tu, infortunada e as tuas irmãs,

e este desditoso que eu sou! Para os bárbaros irei,
como ancião intruso! Um oráculo me mandou
que contra a Hélade uma horda confusa de bárbaros conduzisse.
À filha de Ares, Harmonia, minha esposa,
que das serpente a forma selvagem partilhará comigo,
contra altares e túmulos helênicos a conduzirei,
à frente das lanças. Termo não terá
o infortúnio de meus males, nem atravessarei o Aqueronte
que leva às profundezas, para ficar em paz!

Agave

Apartada de ti, para o exílio irei, ó pai!

Cadmo

Para que me rodeias com os teus braços, ó filha mísera,
tal o cisne jovem a um outro, já grisalho e sem defesa?

Agave

Banida da pátria, para onde encaminharei maus passos?

Cadmo

Não sei, filha. Débil é a ajuda de teu pai.

Agave

Adeus, mansão minha, adeus, ancestral
cidade! Pela desventura vos deixo,
do tálamo exilada!

Cadmo

Vai, ó filha. O filho de Aristeu

.....

Agave

Eu te lamento, pai!

Cadmo

E eu a ti, filha,
e, pelas tuas irmãs, lágrimas derramo.

Agave

De modo terrível, o divino Dioniso
tua morada com esta tortura
atingiu!

Dioniso

Injúria terrível de vós me veio;
privado de honra foi meu nome em Tebas!

Agave

Sê feliz, pai!

Cadmo

Sê feliz,
desgraçada filha! Díficil te será!

Agave

Levai-me na vossa companhia, para onde as minhas irmãs,
desditosas e comigo exiladas, a mim juntarei!
Quisera ir para longe,
que nunca mais visse o Citéron impuro,
nunca mais meus olhos o Citéron avistassem,
nunca mais do tirso me lembrasse!
Que o aceitem outras Bacantes!

Coro

Muitas são as formas do divino,
e muitas as ações imprevistas dos deuses.
O que esperávamos não se realizou;
para o inesperado o deus achou caminho.
Assim terminou este drama.